

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

IASMIM MESQUITA PAIVA

**O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

IASMIM MESQUITA PAIVA



**O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós-Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Nelson dos Santos

MEDIANEIRA

2020



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Educação: Métodos e  
Técnicas de Ensino



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

O Ensino da Variação Linguística nas Aulas de Língua Portuguesa por Meio das  
Tecnologias da Informação e Comunicação

Por

**Iasmim Mesquita Paiva**

Esta monografia foi apresentada às 11:20 h do dia 19 **de setembro de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Nova Londrina - Paraná, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Me. Nelson dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientador)

---

Prof Dr. Henry Charles A. D. N. T. de Mendonça Brandão  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Joice M. Maltauro Juliano.  
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico este trabalho à minha filha,  
Heloisa Paiva da Silva, minha inspiração  
para seguir em frente!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de conhecer a sua palavra e sentir a sua presença a todo momento, e por todos os sonhos que sonhou para mim e me permitiu realizar.

Aos meus pais Robson e Ivone e avós Paulo e Janete, por me apoiarem em todos os momentos da minha trajetória como estudante, principalmente à minha mãe, pelas constantes orações e preces à Deus pela minha vida.

Ao meu esposo Diego, por me incentivar a seguir em frente, e à minha filha Heloisa, por ser o motivo da minha persistência.

Ao meu orientador, professor Nelson dos Santos, pelas ricas contribuições ao meu trabalho.

“Seja forte e corajoso! Não fique desanimado, nem tenha medo, porque eu, o SENHOR, seu Deus, estarei com você em qualquer lugar para onde você for!”

Josué 1:9

## RESUMO

PAIVA, Iasmim Mesquita. O ensino da variação linguística nas aulas de língua portuguesa por meio das tecnologias da informação e comunicação. 2020. 38 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Considerando a grande extensão territorial do Brasil e sua vasta cultura que foi moldada pela miscigenação de diversos povos e raças, se faz necessário estudar a língua como prática social e compreender que ela é viva e sofre variações por vários fatores. Atualmente, com o avanço das novas tecnologias o ensino ganha novas possibilidades, recursos atuais que auxiliam nesse processo. Assim, o presente estudo busca, por meio de uma pesquisa bibliográfica, compreender de que forma é possível ensinar as variações linguísticas por meio das novas tecnologias, mostrando que esse ensino é de grande relevância para que mais um passo seja dado no avanço da educação frente ao mundo moderno que está ganhando cada vez mais força. Com essa pesquisa, espera-se apresentar técnicas de ensino eficazes e incentivar o uso das novas tecnologias nas aulas.

**Palavras-Chave:** Educação; Sociolinguística; Tecnologia.

## ABSTRACT

PAIVA, Iasmim Mesquita. The teaching of linguistic variation in portuguese language classes through information and communication technologies. 2020. 38 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Considering the great territorial extension of Brazil and its vast culture that was shaped by the miscegenation of diverse peoples and races, it is necessary to study the language as a social practice and understand that it is alive and undergoes variations due to several factors. Currently, with the advancement of new technologies, teaching gains new possibilities, current resources that help in this process. Thus, the present study seeks, through a bibliographic search, to understand how it is possible to teach linguistic variations through new technologies, showing that this teaching is of great relevance so that one more step is taken in the advancement of education ahead to the modern world that is gaining more and more strength. With this research, it is expected to present effective teaching techniques and encourage the use of new technologies in classes.

**Keywords:** Education; Sociolinguistics; Technology.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>11</b>
<b>3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>12</b>
3.1 O USO DAS NOVAS TECNOLOGIASNO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	13
3.2 SOCIOLINGUÍSTICA.....	20
3.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	25
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem verbal sofre uma variação considerável no Brasil. Isso acontece por fatores como extensão territorial, diversidade cultural, costume tradicional no uso de palavras, expressões estrangeiras, entre outras. Segundo Meillet (1921, p. 16) “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. No caso do Brasil, a variabilidade da língua ocorre em grande escala devido à extensão territorial e à miscigenação de raças e etnias, devendo-se considerar aspectos individuais do falante e o meio sociocultural em que ele está inserido.

Dessa forma, é preciso que a variação linguística seja tratada nas aulas de Língua Portuguesa, mostrando aos alunos que a língua é social, heterogênea e está em constante processo de transformação (BAKHTIN, 1992). De modo a efetuar o ensino da variação linguística aos alunos por meio de uma abordagem mais atual, voltada ao meio em que eles estão inseridos, é possível utilizar alguns recursos tecnológicos que são presentes atualmente na educação, como as Tecnologias da Informação e Comunicação, conhecidas também como TICs.

A escola é um local de privilégio para a aprendizagem e o uso crítico da tecnologia. Assim, os métodos antigos de aprendizagem se mostram insuficientes, de modo que o mercado exige muito mais acerca dos novos profissionais. Para Mizukami (1986), o sistema educacional possui algumas finalidades básicas como promover certas mudanças nos indivíduos que são desejáveis e relativamente permanentes que estão relacionadas com a aquisição de novos comportamentos e também com a modificação dos comportamentos já existentes.

Diante disso, estabeleceram-se como objetivos desta pesquisa, compreender de que forma é possível ensinar as variações linguísticas por meio das novas tecnologias; realizar uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de identificar os métodos e técnicas utilizados para o ensino dessas variações em sala de aula e compreender a importância de tais variações, observando-as do ponto de vista da linguagem como uma prática social.

O presente estudo está pautado em uma pesquisa bibliográfica, buscando dados teóricos acerca do ensino da variação linguística por meio das TICs nas aulas de Língua Portuguesa. Tal escolha justifica-se pelo fato dessa modalidade de pesquisa ser uma forma completa, eficaz e segura de buscar informações sobre o tema proposto no projeto.

De acordo com Gil (2008), a principal vantagem dessa pesquisa se dá pelo fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar de forma direta, essa vantagem é de grande importância quando o problema da pesquisa requer dados dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica, para maior familiarização com o tema, é altamente utilizada em trabalhos acadêmicos sendo desenvolvida através de livros e artigos científicos publicados em revistas ou similares (GIL, 2008).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo está pautado em uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, buscou dados teóricos acerca do ensino da variação linguística por meio das novas tecnologias. Tal escolha justifica-se pelo fato dessa modalidade de pesquisa ser uma forma completa, eficaz e segura de buscar informações sobre o tema proposto no projeto.

De acordo com Gil (2008), a principal vantagem dessa pesquisa se dá pelo fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar de forma direta, essa vantagem é de grande importância quando o problema da pesquisa requer dados dispersos pelo espaço.

A pesquisa bibliográfica, para maior familiarização com o tema, é altamente utilizada em trabalhos acadêmicos sendo desenvolvida através de livros e artigos científicos publicados em revistas ou similares (GIL, 2008).

Após a pesquisa bibliográfica, os dados obtidos foram analisados pautando-se na comparação entre diversos autores, como, Vigotsky, Bakhtin, Bagno, entre outros que discorrem sobre o tema do estudo.

### 3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Nos últimos anos, pesquisas em educação revelam que cada pessoa adquire o aprendizado de forma diferenciada, portanto, a maneira de ensinar deve ser diversificada para que possa atingir as diferenças encontradas no âmbito escolar quanto à aquisição dos conhecimentos. São várias as estratégias utilizadas pelos professores com o intuito de levar o aprendizado de forma satisfatória, havendo a preocupação de mudanças quanto aos meios utilizados para ensinar.

Um dos temas a ser abordado pelos professores na disciplina de Língua Portuguesa é a variação linguística que, por sua vez, é muito presente no Brasil visto a sua grande extensão territorial, riqueza cultural e miscigenação de raças e povos. Entretanto, para abordar esse tema, é preciso lançar mão de recursos que permitam ao professor expor exemplos reais aos alunos. Dessa forma, o uso das novas tecnologias se mostra muito positivo como ferramenta de ensino, proporcionando recursos audiovisuais que são fundamentais para complementar o trabalho do professor.

Para que a aprendizagem possa partir da prática com elementos concretos, faz-se necessário que educadores se disponham a ensinar por meio de metodologias em que o aluno compartilhe saberes. Assim, as práticas educativas podem gerar uma aprendizagem significativa, mediada e compartilhada entre alunos e professor. Para Ausubel (1982), a aprendizagem significativa ocorre quando os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui.

Portanto, o processo de aprendizagem deve ser ampliado na educação devendo acompanhar as transformações sociais diante das novas tecnologias interligando a prática pedagógica com o objetivo de levar aos educandos práticas motivacionais onde possam superar as dificuldades de aprendizagem e atingir um aprendizado significativo mediado pelo professor.

Para melhor compreensão por parte do leitor, esse capítulo foi dividido em três seções: O uso das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem; Variação linguística: o que é e como deve ser abordada nas escolas; ensinando variação linguística por meio das novas tecnologias.

### 3.1 O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Atualmente, com o objetivo de facilitar diversas ações humanas, a tecnologia tem avançado em todas as áreas da sociedade, sendo uma delas a educação. A inserção dessas novas tecnologias no ambiente escolar tem a função de contribuir para aumentar as condições de acesso à informação, além de minimizar certas limitações referentes ao tempo e ao espaço e facilitar a comunicação entre professores, alunos e instituições. De acordo com Silveira e Bazzo (2009) a tecnologia, atualmente, se apresenta como o principal fator do progresso e do desenvolvimento na sociedade. Em se tratando do paradigma econômico vigente, ela é vista como um bem social e, em conjunto com a ciência, é o meio para agregar valores aos mais diversos produtos, o que a torna a chave para a competitividade estratégica, bem como para o desenvolvimento social e econômico de uma determinada região.

Entretanto, é importante enfatizar que as novas tecnologias não são a principal ferramenta para desenvolver um ensino de qualidade, sendo essa o professor, com todo conhecimento adquirido durante sua trajetória e suas metodologias didáticas. Deste modo, entende-se que “as tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem mil possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos” (MORAN, 2004, p.14).

Muitos são os equipamentos que surgem a cada dia e que podem ser utilizados na educação como um aparato a mais na construção do conhecimento. As novas tecnologias, para a maioria dos professores, estão relacionadas ao uso de televisores e computadores, esses equipamentos, por sua vez, têm finalidades diferentes e funções que muitas vezes o professor não compreende. A maioria dos professores da atual geração foram formados em literatura livresca e persistem em métodos tradicionais que em pouco contemplam um ensino eficaz e atraente. Porém, por si só, os equipamentos não são garantias de aprendizagem significativa, tão pouco teriam qualquer utilidade se fossem usados sem planejamento ou objetivo real de aprendizagem. O grande problema quanto ao uso das novas tecnologias está em como saber utilizá-las, pois além dos conhecimentos técnicos o professor deve estar familiarizado com a linguagem. Estariam os professores habilitados para

desempenhar aulas utilizando as novas tecnologias na disciplina de Língua Portuguesa, mais especificamente no ensino de variação linguística, desenvolvendo novos métodos e aperfeiçoando sua ação docente? Explorar tais conhecimentos e buscar aperfeiçoamento constante é um dos requisitos necessários para abordar a tecnologia em sala de aula.

Segundo Demo, “[...] a aprendizagem tecnologicamente correta significa aquela que estabelece com tecnologia a relação adequada no sentido de aprimorar a oportunidade de aprender bem [...]” (2009, p. 96). Nesse sentido, o local mais adequado a esta formação é a escola e a universidade por meio dos programas de formação continuada (SCHON, 1992), diz que é de suma importância para o desenvolvimento de atividades docentes, compreendendo que o papel das novas tecnologias na escola é de ampliar o conhecimento e qualificar o professor através de cursos de capacitação e o aluno para a sociedade informatizada, compreendendo que a educação adquiriu novos conceitos diferentes dos tradicionais, abrindo espaço para que professor e aluno construam junto esse novo cenário na educação.

Ao se pensar na rapidez com que as novas tecnologias surgiram e se propagaram pelo mundo e todas as esferas da sociedade, é comum que algumas instituições de ensino se mostrem receosas quanto ao uso das mesmas como ferramenta de ensino e aprendizagem. A esse respeito, Cordeiro e Gomes (2010) ressaltam que o paradigma em questão manifesta-se mediante a penetração dessas tecnologias da informação e comunicação em todos os domínios da atividade humana como sendo um elemento estruturante de tais atividades, por meio da convergência de tecnologias específicas aos sistemas integrados além de sua aplicação à geração de conhecimentos e dispositivos. Dessa forma, ocorre um processo de reconfiguração das redes sociais em que ocorre aprendizagem, implicando na redefinição e apropriação das inovações nos seus contextos reais de uso.

No contexto atual, em que a sociedade é vista como sociedade do conhecimento, a educação necessita de uma abordagem diferente que deve incluir o componente tecnológico. A qualidade da educação não deve estar pautada apenas nos recursos disponíveis para levar adiante as reformas e inovações em matéria educativa. Deste modo, a incorporação das novas tecnologias na educação deve ser um elemento que contribua para a maior vinculação entre os contextos de ensino e as culturas que se desenvolvem fora do âmbito escolar (MERCADO, 2002).

A inserção desses recursos tecnológicos no âmbito escolar passou por diversas fases. Em um primeiro momento, esses recursos foram vistos como uma solução para os problemas educacionais, de modo que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, entretanto, em um segundo momento, houve uma preocupação em razão do planejamento de princípios e métodos. Ou seja, a tecnologia traz benefícios na medida em que é utilizada de maneira correta, para isso, faz-se necessário o intermédio do professor. Deste modo, constatamos que ao voltar ao processo histórico do uso da tecnologia na educação, é possível perceber que, por estar vinculado ao processo desenvolvimentista, o termo tecnologia educacional bem como a utilização dos recursos tecnológicos na escola foram encarados como uma parte do modelo tecnicista de educação (MIRANDA, 1986).

No início da inserção das novas tecnologias no ambiente escolar, eram ensinadas aos alunos apenas funções básicas como ligar e desligar o computador, manusear alguns programas simples e acessar alguns sites de pesquisa. Contudo, posteriormente, as novas tecnologias vieram a servir como ferramentas para potencializar a dinâmica escolar de modo que, sabendo utilizar inicialmente os recursos básicos, os discentes podem aprender gradativamente utilizar esses recursos como forma de disseminação da inovação. O uso da tecnologia na educação pode ser visto pelo ângulo da socialização da inovação, pois quando utilizada pelas demais pessoas, não somente pelo seu criador, essa nova tecnologia precisa ser ensinada, assim como a forma de utilização de algumas inovações, seja no tipo novo do processo, produto, serviço ou comportamento, precisa ser informada e apreendida, bem como ensinada aos demais (KENSKI, 2006, p.43).

O objetivo da escola na formação do conhecimento dos alunos, desde os primórdios até dos dias atuais, está inteiramente relacionado com o tipo de sociedade em questão. Antigamente, antes da sociedade inserir-se no processo de globalização, a escola mantinha uma postura didática tradicional, utilizando apenas recursos básicos de ensino. Atualmente, a sociedade é dita como “pós-moderna”, deste modo, os recursos didáticos e métodos de ensino evoluíram na tentativa de acompanhar essa sociedade, hoje “o uso das tecnologias é fator de ingresso eficaz no mundo do trabalho” (MORAN, 2004, p.77), assim, com tantas transformações, o cidadão necessita estar inserido nessa tecnologia, sabendo utilizá-la e manuseá-la para ingressar, até mesmo, no mundo do trabalho.



Deste modo, a escola precisa acompanhar essa modernidade de modo a preparar os alunos para um mundo altamente tecnológico e globalizado, pois essa é uma realidade crescente a cada dia. De acordo com Almeida (2007), a escola é um local de privilégio para a aprendizagem e o uso crítico da tecnologia. Assim, os métodos antigos de aprendizagem se mostram insuficientes, de modo que o mercado exige muito mais acerca dos novos profissionais. Para Mizukami (1986, p. 28) “O sistema educacional tem como finalidade básica promover mudanças nos indivíduos, mudanças essas desejáveis e relativamente permanentes, as quais implicam tanto a aquisição de novos comportamentos quanto a modificação dos já existentes”.

A concepção de ensino e aprendizagem está relacionada com as práticas cotidianas em sala de aula e na forma com que os alunos e os professores utilizam os recursos disponíveis, sendo eles tradicionais como giz, quadro negro, livro didático, ou modernos como computador, Datashow, retroprojetor, televisão, rádio, tablete, entre outros. Apenas a presença desses recursos em sala de aula não garante um ensino de qualidade, de modo que a tecnologia serve para enriquecer o ambiente educacional, facilitando o processo de ensino, entretanto, ela só é eficaz quando somada a uma atuação crítica, ativa e criativa por parte de alunos e professores (MORAN, 1995).

O Brasil, por ser um país de grande diversidade cultural e regional e de grandes desigualdades sociais, não permite incorporar um modelo único de recursos tecnológicos na educação. Deste modo, faz-se necessário pensar em propostas que possam vir a atender os interesses e necessidades de cada região ou comunidade (BRASIL, 1998).

A escola, por ser um ambiente de construção do conhecimento e socialização do saber, deve sempre atualizar-se em meio às exigências do mercado afora, pois, o mundo está evoluindo e a escola deve acompanhar tal evolução. Porém, no Brasil, é possível perceber que há uma grande distância entre escolas públicas e particulares, em que as públicas não acompanham o uso de novas tecnologias por diversos motivos, a começar pela falta de recursos, quase sempre debilitados, bem como a falta de cursos de especialização para os professores em meio a essas tecnologias, pois em vão serão os recursos se não souberem utilizá-los. É importante atentarmos para a importância de refletir sobre qual é a educação que se quer oferecer aos alunos, para que assim, a incorporação da tecnologia não seja apenas o antigo travestido de moderno (BRASIL, 1998). Assim, cabe ressaltar que somente a

presença dos computadores, de forma isolada e desarticulada de outras ações não garante a qualidade do ensino, assim como somente ter aparelhagem moderna nos hospitais não expressa a qualidade do serviço que será prestado à população. Assim, é preciso ficar alerta ao risco que há em transformar os computadores no bezerro de ouro a ser adorado no sistema educacional (CORTELLA, 1995).

Frente a esse contexto, para Mercado (2002), incorporar novas tecnologias como conteúdo do ensino, reconhecer e partir das concepções que os alunos têm sobre essas tecnologias de modo a elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos são desafios a serem enfrentados pelas instituições educacionais.

Deste modo, o professor deve buscar se inserir no meio tecnológico para avançar em seu processo de ensino-aprendizagem, obtendo facilidades no seu cotidiano em sala de aula. Adaptando-se a essa realidade, o professor aumenta grandemente sua gama de recursos didáticos, utilizando em suas aulas elementos que possibilitem o acesso a imagens, vídeos, filmes ou músicas que possam exemplificar a sua explicação referente à matéria estudada. Assim, reiteramos “parece evidente a dificuldade de transformar as tecnologias em oportunidades de aprendizagem sem a mediação do professor. Qualquer artefato técnico implantado na escola só frutifica sob a mediação do professor” (DEMO, 2008, p.12).

Como discutido anteriormente, sabemos que as novas tecnologias são ótimas ferramentas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem nas escolas. De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, consideramos que:

Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentais no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para ‘aprender a aprender’, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação de base tecnológica (BRASIL, 2000, p.45).

Neste sentido, vale ressaltar que a formação continuada dos professores é de grande importância para que o profissional possa obter certo preparo para que consiga aproveitar ao máximo os benefícios que essas novas tecnologias podem trazer. A escola necessita reformular sua proposta, visto que o mundo tecnológico

avança e a educação deve avançar na mesma proporção. Assim, a escola necessita repensar suas propostas, priorizando momentos de atualização e reconstrução de concepções, de modo que os professores não apenas dominem o uso de determinado recurso tecnológico, mas consiga traspor didaticamente, utilizando mídias e tecnologias diversas, os conteúdos curriculares ou não na rotina pedagógica (ALARCÃO, 2000).

Apesar das novas tecnologias estarem por toda parte, alguns educadores, principalmente os mais antigos, se recusam a inseri-las em sua prática docente por pensarem que o método tradicional de ensino, utilizando apenas quadro negro e giz, é mais eficiente. Ponte (2000), destaca que entrelaçar as facetas tecnológicas e pedagógicas é um processo que deve ser percorrido e, quanto à resistência de alguns educadores mediante as novas tecnologias, destaca que alguns deles olham com desconfiança e buscam adiar o quanto podem o momento do indesejado encontro. Outros já as usam em seu dia a dia, porém não sabem como integrá-las em sua prática profissional. Além disso, há aqueles que procuram usá-las em suas aulas, mas não alteram suas práticas. Ainda há uma minoria que explora novos produtos e ideias, entretanto, têm muita dificuldade nesse processo.

Não baste ensinar o aluno manusear um computador, ou tantas outras tecnologias, é preciso que o sistema de ensino se adeque ao mundo globalizado, de modo que o aluno esteja inserido nesse meio, não apenas para utilizar essas ferramentas de maneira superficial, mas é preciso que a escola crie uma prática pedagógica que incentive o aluno a fazer uso dessas ferramentas para auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem, sabendo filtrar informações obtidas nas diversas mídias, criando neles um pensamento crítico e alertando-os para os perigos das redes. É necessário que haja uma nova concepção de mundo interligado, de modo que, de acordo com Lévy (2005) não é o bastante estar em frente a uma tela munido de todas as interfaces que lhe são oferecidas para conseguir superar uma situação de inferioridade, pois para isso é preciso estar em condições de participar dos processos de inteligência coletiva que deve representar o interesse principal do ciberespaço.

São poucas as escolas públicas que possuem recursos tecnológicos avançados ou, ao menos, compatíveis com o avanço da tecnologia atual. Em sua grande maioria, os recursos que as escolas possuem não vão muito além do quadro negro e giz, de modo que essa realidade se mostra inferior à demanda do mercado

de trabalho. Ou seja, o mercado de trabalho atual exige currículos compatíveis com o mundo tecnológico, exigindo que o candidato possua conhecimentos sobre tecnologia, sabendo utilizar os recursos avançados. Entretanto, as escolas públicas não possuem condições físicas para preparar os alunos para esse mercado tão exigente. Deste modo:

Cada vez será maior o número de estudantes que terão de aprender a navegar em meio a grandes quantidades de informação e a dominar o cálculo e outros temas complicados para participar plenamente de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Assim, embora as ferramentas básicas da classe (lousas e livros) que dão forma a como a aprendizagem é conduzida não tenham mudado muito no último século, as demandas sociais sobre o que os estudantes devem aprender têm aumentado dramaticamente na região (UNESCO, 2010, p. 6).

Assim, compreende-se que o professor é a principal ferramenta frente a esse processo. Cabe ao professor se adaptar a essa nova realidade do mundo e, conseqüentemente, na educação, de modo a ampliar o espaço da sala de aula de maneiras variadas, utilizando, para isso, a prática de aulas à distância, a orientação de projetos e pesquisas onde o aluno tenha que procurar aprender a filtrar informações para contextualizar seus projetos, entre outros modos. Para tanto, o professor precisa se dispor a atualizar-se mediante às novas tecnologias, contando com a motivação e auxílio da escola, principalmente na disponibilização desses recursos, pois, muitas vezes, o professor é capacitado e tem vontade de interagir com as tecnologias, porém, a escola não disponibiliza os recursos necessários. A esse respeito, Moran (2004), destaca que uma sala de aula, para garantir uma educação de qualidade, necessita fundamentalmente de professores que estejam bem preparados, além de serem motivados e em remuneração, com formação pedagógica atualizada, de modo que isso é incontestável.

A realidade em sala de aula não é condizente com as exigências do mercado, a começar pela formação acadêmica dos professores, que não os prepara para o uso dessas novas tecnologias em sala de aula. Além disso, ao ingressarem na carreira docente, os professores assumem cargas horárias intensas de trabalho, não possibilitando assim, o preparo de aulas com ênfase na utilização de recursos tecnológicos, ou seja, os professores não têm tempo disponível suficiente para preparar uma aula elaborada com vídeos, apresentação de slides, fotos, entre outros recursos. Para Moran “o professor agora tem que se preocupar, não só com o aluno em sala de aula, mas em organizar as pesquisas na internet, no acompanhamento

das práticas no laboratório, dos projetos que serão ou estão sendo realizados e das experiências que ligam o aluno à realidade” (MORAN, 2004, p.15).

Porém, quando bem utilizadas, as novas tecnologias, como o hipertexto, são de grande contribuição para a assimilação do conhecimento, de modo em que estimulam a leitura, a escrita e despertam a curiosidade dos usuários a buscarem cada vez mais conhecimento. Para Levy (2005) o hipertexto ou a multimídia interativa são possíveis de se adequarem aos usos no âmbito educacional. O envolvimento do aluno tem um papel fundamental no processo de aprendizagem, visto que quanto mais ele participar da aquisição do conhecimento, mais irá interagir e reter esse aprendizado. Nesse sentido, a multimídia integrativa favorece uma atitude exploratória, até mesmo lúdica, do aluno frente ao material a ser assimilado, mostrando-se um instrumento que se adapta a uma pedagogia ativa.

No Brasil, por ser um país de grande desigualdade social, muitas pessoas não têm acesso a internet e outras tecnologias em suas casas, nestes casos, a escola pública se torna a única fonte de contato entre essas pessoas com as informações e os recursos tecnológicos. A esse respeito, Pretto (1999, p.104) afirma que “em sociedades com desigualdades sociais como a brasileira, a escola deve ter, também, a função de facilitar o acesso das comunidades carentes às novas tecnologias”.

As novas tecnologias proporcionam maior contato com o mundo globalizado, além de facilitar o trabalho do professor, podendo ser um meio de melhor exemplificar o conteúdo de suas aulas. Portanto, as escolas devem, além de dispor os recursos tecnológicos necessários, oferecer cursos de formação que auxiliem o professor a melhor aproveitar esses recursos em suas aulas, fazendo com que os alunos obtenham maior conhecimento e expandam a sua capacidade de aprendizagem.

### 3.2 SOCIOLINGUÍSTICA

Para compreender o conceito de variação linguística e qual a melhor forma de abordar este conceito nas escolas, inicialmente é preciso afirmar que, neste estudo, a variação linguística é pautada em uma vertente sociolinguística, compreendendo a

linguagem como prática social. Dessa forma, faremos uma breve apresentação da sociolinguística, teoria a qual nos valem na realização deste trabalho.

A linguagem nasce da necessidade humana de comunicação, de modo que desde a antiguidade o homem é um ser social, que vive em grupo e tem a necessidade de interagir uns com os outros para que a sua existência seja garantida. Desse modo, a linguagem mostra-se social e eficiente ao passo que permite que o emissor e o receptor troquem mensagens entre si (AGUIAR, 2004).

Apesar de ser algo natural e inerente ao ser humano, a linguagem é um instrumento fundamental para que haja comunicação e aprendizado, pois sem ela não é possível interagir e aprender. Portanto, compreendamos a seguir o que é linguagem.

De acordo com Saussure (1995), a linguagem é social e individual, psíquica, psico-fisiológica e física, havendo fusão entre língua e fala. A língua se define como um sistema de valores puros, a parte social da linguagem, produto da coletividade, onde um indivíduo sozinho não é capaz de modificá-la. Ou seja, trata-se de algo social, algo a ser partilhado por um determinado grupo de pessoas com o intuito de gerar comunicação entre elas.

Segundo Costa (2008, p.116), “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua”. Deste modo, é possível perceber que a língua é um instrumento de comunicação a ser utilizado por todos, não somente por um determinado indivíduo ou grupo social.

Seguindo a linha de raciocínio de Vygotsky (1989) compreende-se que todo tipo de linguagem, seja ela verbal ou não verbal, vai muito além da comunicação, pois ela está ligada ao pensamento. Para o autor, isso ocorre através de um convívio social onde há a interação com o meio e com os outros que o cercam, fazendo com que haja o desenvolvimento da linguagem. Ele denomina o pensamento humano de pensamento histórico social para diferencia-lo dos demais animais. É na prática o que acontece com a compreensão e construção do significado das palavras, relacionando-as a objetos e situações. Assim é a heterogeneidade da linguagem humana. Relação estreita entre linguagem e pensamento (VYGOTSKY, 1989).

De acordo com Bakhtin, “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (2006, p.280), assim, o enunciado, que é a forma com que a utilização da língua se efetua,

está relacionado a todas essas esferas, ou seja, a língua reflete, por meio de enunciados, todas as esferas da atividade humana.

Bakhtin enfatiza com clareza que “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*” (BAKHTIN, 2006, p.127, grifos do autor). Ou seja, a língua se faz viva por meio da interação verbal que existe entre os falantes, estes estão inseridos em um meio social concreto, diferente do que prega o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista. Para que haja uma língua viva, é preciso que haja interação verbal entre as pessoas, por meio de diálogos, onde elas expõem suas considerações por meio da língua em um enunciado concreto, utilizando a língua como meio de comunicação e inserção em uma sociedade.

De acordo com o pensamento filosófico de Bakhtin (2006), um indivíduo ao fazer o uso da língua para comunicar-se, elabora enunciações que dependem da situação em que ele se encontra, ou seja, de acordo com cada situação o indivíduo tece sua fala por meio da intenção que ele pretende ao dirigir cada palavra, tal fato que faz com que o falante escolha a palavra correta, a entonação adequada para transmitir aquilo que deseja ao seu interlocutor. O falante consegue adequar sua linguagem à cada necessidade de comunicação que ele se depara, em inúmeras situações distintas.

Bakhtin (2006), formula seu ponto de vista em itens enumerados, que, resumidamente, definem a língua como um sistema mutável, em um processo de evolução ininterrupto, realizando-se por meio da interação verbal dos indivíduos, onde as leis da evolução linguística são leis sociológicas e a criatividade da língua deve ser compreendida considerando valores ideológicos e a estrutura da enunciação é unicamente social, ou seja, só se dá por meio dos falantes.

A linguagem está diretamente ligada ao processo de interação entre os homens, a esse respeito, Geraldí (1996) afirma que mais do que simplesmente considerar a linguagem como uma capacidade humana de construção de sistemas simbólicos, a linguagem é concebida como uma atividade constitutiva em que os *lócus* de realização é a interação verbal em que o “eu” e o “tu” se relacionam e nessa relação constroem os próprios instrumentos que permite a intercompreensão.

Dessa forma, é possível compreender que a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, é inerente ao ser humano, que, por sua vez, tem a necessidade de comunicar-se em todas as esferas da sociedade. Sem a comunicação não seria possível que os homens se organizassem como seres sociais, pois qualquer forma de interação entre eles é extremamente dependente da comunicação. Dá-se então a importância da linguagem para todas as esferas da humanidade.

Com a preocupação em compreender o conceito que a população tem sobre língua uniforme e homogênea, surge a sociolinguística. Esta, visa estudar a língua como um fator social. De acordo com Martelotta (2008) a sociolinguística trata-se de uma área da linguística que estuda a língua em seu uso real, considerando as relações entre a estrutura linguística e os aspectos socioculturais de sua produção. De acordo com essa corrente a língua é uma instituição social e, desse modo, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, cultural e da história dos indivíduos que a utilizam para se comunicar.

Para Cezario e Votre (2009), a sociolinguística é uma ciência que tem como principal preocupação o uso da língua na sociedade, de modo que estuda a língua em seu uso real, considerando sempre as relações que existem entre as estruturas da língua e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Neste contexto, a língua é vista como uma instituição social, que não deve ser estudada como uma estrutura autônoma, ao contrário, deve sempre ser dependente do contexto situacional, da cultura, do meio e das histórias das pessoas que a utilizam como forma de comunicação. A esse respeito, Mattos e Silva (2004), apontam que a sociolinguística tem o seu grande avanço fundado em sua forma de conceituar a língua como sistema intrinsecamente heterogêneo no qual se entrecruzam e se correlacionam a fatores intra e extralinguísticos, que são fatores estruturais e sociais.

A vertente sociolinguística estuda as variedades no modo de fala de diferentes grupos em diversos lugares, analisando os falantes e o meio em que estão inseridos para saber qual a influência do meio na maneira de falar dos indivíduos, considerando sempre as peculiaridades e buscando identificar as necessidades comunicativas de cada grupo. De acordo com Bagno (2007):



Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (p. 36).

No campo da sociolinguística, a língua é vista como heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e construção, ou seja, ela não é igual, não é estática, mudando com o tempo e varia de acordo com diversos fatores como região, meio social, idade, sexo, entre outros. “Se a sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira” (BAGNO, 2007, p. 22), ou seja, as variações linguísticas ocorrem porque existem variados grupos sociais. Deste modo é importante que todas as variações da língua sejam valorizadas, respeitadas e vistas como riqueza cultural do nosso país.

É importante frisar que a sociolinguística baseia seus estudos no enfoque da língua, da cultura e da sociedade, onde Língua e Sociedade estão fortemente relacionadas, pois é dentro da sociedade, com suas peculiaridades e diferenças, que a interação entre os indivíduos ocorre e a fala acontece para que haja comunicação.

Ela nasce a partir do momento em que se constata a importância da fala e observa-se a variação do fenômeno linguístico e como a língua se relaciona com a fala e quais os fatores que influenciam para que ocorram mudanças linguísticas. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005) a sociolinguística estuda as diversidades presentes nos repertórios linguísticos de comunidades distintas, enfatizando a importância às funções sociais desempenhadas pela linguagem, o que antes ocorria apenas com os aspectos formais da língua.

Desta forma, é possível concluir que o objeto de estudo da sociolinguística é, de fato, a língua falada, em seu uso diário, considerando suas variações e peculiaridades e valorizando-as, pois, cada indivíduo possui um modo particular de falar, que varia de acordo com a idade, a região, e o contexto histórico e social que está inserido.

Neste sentido, compreender e respeitar a língua falada de determinados povos, grupos ou pessoas, contribui para o encontro do que não é antagônico, mas cultural; não é errado, mas usual. Para Bagno (2010, p. 36), a língua é “uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”, ou seja, a língua não deve ser vista como algo pronto, acabado, pois ela é passível de mudanças e transformações, podendo ocorrer por diversos fatores.

### 3.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A Variação linguística trata-se de um fenômeno natural que está presente na língua e ocorre por meio de diversos fatores, podendo ser de cunho geográfico, social, histórico, de idade, sexo ou grau de escolaridade. A língua é um instrumento de comunicação e deve adequar-se à situação comunicativa a qual ela é necessária. Segundo Viotti (2013) as variantes são variações de um elemento variável, neste caso, a língua. Na teoria da variação, essas variantes em uma determinada comunidade de fala dependem dos valores sociais, como por exemplo, o gênero do falante, o seu nível de escolaridade, faixa etária, origem étnica, além de sua classe socioeconômica.

A língua, quando falada, não é estática e nem uniforme. Devido ao uso, sempre está sofrendo variações das mais diversas formas de modo a adequar-se a quaisquer situações de comunicação. Ela está em constante processo de transformação, juntamente com a sociedade e a humanidade. Assim como o homem evolui, a língua também evolui de maneira constante. Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 1997).

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...]. A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1997, p. 29).

Nesse contexto, é possível observar que a língua, em sua modalidade da fala, é completamente flexível às mais diversas situações de comunicação existentes. Em situações formais, como uma entrevista de emprego, uma reunião de negócios, uma palestra, entre outras, é importante que a língua seja utilizada de maneira formal, dentro das normas da linguagem padrão. Já em situações informais, como uma conversa entre amigos ou um almoço em família, a língua deve ser utilizada informalmente, trazendo a essas situações um grau de intimidade maior.

Sabe-se que existem muitas variedades linguísticas e cada uma delas deve ser valorizada e vista como a especificidade de um determinado grupo de pessoas. Dessa forma, as variações não devem ser compreendidas como erro e sim como um uso diferente da língua, um modo diferente de expressão, mas que deve ser aceito em seu contexto de uso. Nesse sentido, as variações são vistas como uma forma diferente de usar a língua (MARINHO; VAL, 2006).

Essas variações, segundo Marinho e Val (2006), são comumente consideradas em uma escala valorativa em que apenas uma delas, a norma padrão, é vista com maior prestígio e, equivocadamente, considerada como o português correto, enquanto as demais variantes são consideradas como erro, sendo vistas como variedades de menor influência e importância na sociedade.

Em um ambiente escolar também é comum que ocorra, por parte dos educadores, a supervalorização da norma culta da língua portuguesa, excluindo de certo modo, as variantes da língua, inclusive o modo de falar das pessoas provenientes do meio rural, estigmatizando “na mesma medida da estigmatização social de seus falantes” (GERALDI 1996, p.57). Fazendo com que os alunos que não dominam a norma culta da língua portuguesa sintam-se inferiores, inibindo-se ao participar oralmente das aulas.

Entretanto, o ensino da língua portuguesa deve estar pautado nos princípios da sociolinguística que considera a língua como sendo um sistema heterogêneo e variável, ligado às situações da sociedade e, portanto, excluir qualquer indivíduo por se pronunciarem diferente pode ser interpretado como discriminação social. Segundo Faraco (2008),

[...] o que tem predominado e que tem servido de referência no nosso sistema escolar, e tem sido reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais da mídia, pela ação de revisores das editoras, por manuais de redação dos grandes jornais, por cursinhos pré-vestibulares e por elaboradores de questões de concursos públicos é uma norma estreita a que chamamos aqui de norma curta. Trata-se de um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/standard (FARACO, 2008, p. 94).

As diferentes leituras e pesquisas nos sustentam a afirmar que a escola e os professores de língua portuguesa devem se conscientizar de que não há modo de falar correto ou incorreto, e que o papel da escola tradicional-urbanocêntrica se assenta nas normas e convicções de ensinar a norma padrão em suas modalidades de fala e escrita, porém evitando impor aos alunos como sendo a variedade correta. Deve ocorrer a valorização de todas as variações, inclusive a variação linguística utilizada pelos camponeses.

De acordo com Coseriu (1980), há várias formas de variação: diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas. Explica cada uma delas. As *diacrônicas* resultam da passagem do tempo; as *diatópicas* são causadas por características regionais; as *diastráticas* são resultantes dos diferentes estratos socioculturais e as *diafásicas* são distinções entre os diversos tipos de modalidade expressiva, como, idade, sexo e profissão.

Os grupos sociais menos favorecidos, por exemplo, possuem uma linguagem com características peculiares deste ambiente. As características peculiares da linguagem são erros? Não.

São variações linguísticas provenientes de fatores históricos, geográficos e socioculturais que se os educadores não se atentarem, perdem a oportunidade de enriquecer o conhecimento dos alunos com situações reais presente em sala. Esta situação nos leva a Schliemann, Carraher e Carraher (1989), que discutem que as dificuldades de aprendizagem e de linguagem e fala não podem ser consideradas erros.

[...] a criança que aprende matemática na rua, o cambista analfabeto que recolhe apostas, o mestre-de-obras treinado por seu pai, todos eles são exemplos vivos de que nossas análises estão incompletas, precisam ser desafiadas, precisam ser desmanchadas e refeitas, se quisermos criar a verdadeira escola aberta a todos, pública e gratuita, pela qual lutamos nas praças públicas. Os educadores, todos nós, precisamos não encontrar os culpados mas encontrar as formas eficientes de ensino e aprendizagem em nossa sociedade (SCHLIEMANN; CARRAHER; CARRAHER, 1989, p. 21)

Muitos acreditam e disseminam que o falar rural, por exemplo, seja sinônimo de “ignorância” ou “falta de cultura” e até mesmo “atraso”. Porém, o falar rural possui traços do português antigo e pelo fato de estar concentrado em regiões distantes das cidades urbanizadas, é uma linguagem “conservadora”, mas conservadora do ponto de vista do olhar urbano, que olha o campo a partir do olhar burguês.

O olhar urbano vê a região urbana como “desenvolvida” e “evoluída”, e a região rural como “atrasada”, “rude” e “pacata”, e o fazem por desconhecimento do que de fato é o campo, seu povo e sua fala. Neste parâmetro, ao falar sobre o *dialeto caipira*, que pode ser visto como sinônimo do falar rural, observa Amaral (1920, p. 42) que,

[...] acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições.

Destarte, por mais que a linguagem dos camponeses seja uma riqueza cultural do nosso país, fruto da sociabilidade de um povo cujo seu trabalho move a economia do Brasil, ressaltamos que, na maioria das vezes, a variação linguística dos camponeses é vista por um olhar preconceituoso, como se o modo de falar fosse errado. Sobre esse assunto, Bagno (1999, p. 9) enfatiza que:

[...] o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi (sic) não é o mundo [...]. Também a gramática não é a língua.

Como já exposto, existem diversos tipos de variações linguísticas, sejam elas em função dos falantes ou em função do uso ou contexto em que os falantes utilizam a língua. Deste modo, dividimos esses tipos de variações em dois grupos: a variação dialetal e a variação de registros.

As variações ocorrem em função dos usuários da língua, variando conforme suas especificidades, bem como sua idade, seu sexo, o local em que vive, sua classe social, grau de escolaridade, entre outros. Ou seja, a variação dialetal está ligada ao usuário da língua, ao falante. Em seguida, veremos cada uma das dimensões da variação dialetal (MARINHO; VAL, 2006).

- Variedades Geográficas: Para entender as variedades geográficas, é preciso, inicialmente, entender o conceito de comunidades linguísticas. Marinho e Val (2006),

conceituam uma comunidade linguística como sendo falantes de certa região e constituintes de uma comunidade linguística com manifestações e comportamentos linguísticos homogêneos por se tratar do desenvolvimento de um comportamento cultural singular, diferente de outras comunidades. Nesse sentido, a linguagem que é comum a esses falantes é parte da identificação e distinção da comunidade.

Ou seja, as comunidades linguísticas são grupos de falantes de determinadas regiões que utilizam um modo de falar em comum entre eles. Assim, possuem uma identidade linguística própria de seu grupo, com suas especificidades e personalidade.

De acordo com Marinho e Val (2006), na variação geográfica, uma mesma língua pode ser falada de diferentes formas de acordo com a região em que é falada. Essas variações podem ocorrer na forma de pronunciar os sons, na mudança de vocabulários ou na maneira de construção das estruturas sintáticas.

No Brasil, a língua portuguesa é falada de maneira diferente de como é falada em Portugal. Ainda, a língua portuguesa falada no Brasil sofre variações regionais, como é o caso dos diferentes sotaques existentes no país, dentre eles destacamos o sotaque nordestino, mineiro, gaúcho, carioca, paulista, entre outros (MARINHO & VAL, 2006).

Além dos diferentes sotaques existentes no Brasil, é possível observar que há variações nos vocabulários. Por exemplo: a raiz conhecida como mandioca na região sul, também é chamada de macaxeira, aipim, castelinha, uaipi, variando de região para região. Para Marinho e Val (2006), existe, ainda, a variação entre linguagem urbana e rural, em que a linguagem urbana é mais próxima daquela usada nos meios de comunicação e a linguagem rural é específica dos falantes situados no meio rural, essa linguagem será abordada de maneira mais precisa na unidade seguinte.

É importante ressaltar que as variedades geográficas nem sempre são coincidentes com as fronteiras das regiões, pois elas são graduais.

- **Variedades Sociais:** as variedades linguísticas sociais se dão pela diversidade de classes e grupos sociais existentes. Elas estão relacionadas ao modo de falar de determinado grupo social, pautadas não tão somente no poder aquisitivo dos grupos, bem como em características como a profissão, normas de conduta e padrões culturais.

Deste modo, podemos citar como exemplos as linguagens dos médicos, dos advogados, linguagens dos mecânicos, entre outras profissões. Cada profissão possui suas especificidades linguísticas, sejam elas nos diferentes termos técnicos, bem como na formalidade necessária, ou até mesmo, gírias utilizadas (MARINHO & VAL, 2006).

Algumas variantes sociais são distinguidas por ter maior ou menor prestígio, entretanto, nenhuma variação pode ser classificada como errada, pois são características de grupos sociais distintos.

- Variedades Históricas: as variedades históricas ocorrem de acordo com a evolução da língua. A língua é viva, sendo assim ela está em constante processo de desenvolvimento e evolui conforme a evolução da sociedade.

Com o passar das décadas, a humanidade sofre transformações, um exemplo disso é o surgimento de uma era tecnológica, em que novas tecnologias surgem a cada momento. Nesse contexto, a língua acompanha essa evolução, ganhando novos termos, como por exemplo, *internet*, *sites*, *web*, entre outros.

Alguns termos sofrem transformações ao longo do tempo de modo a facilitar a sua pronuncia, como é o caso do pronome de tratamento *você*, que passou de *vossa mercê* para *vossemecê*, até chegar em *você*, que é abreviado por algumas pessoas como, simplesmente, *cê* ou *vc*.

É importante ressaltar que essas variações históricas não ocorrem de um dia para o outro, é um processo lento e gradual que se transforma conforme a passagem de diversas gerações (MARINHO & VAL, 2006).

- Variedades de acordo com a idade: a língua também varia de acordo com a idade do falante, crianças jovens, adultos e idosos possuem maneiras de falar distintas (MARINHO & VAL, 2006). As crianças costumam utilizar um vocabulário mais simples, já os jovens e adolescentes utilizam gírias e formas diferentes de linguagem em busca de alcançar uma identidade linguística diferente das demais faixas etárias. Os adultos costumam utilizar um vocabulário mais rico e os idosos falam de acordo com a linguagem de épocas mais antigas e conservadoras.

- Variedades de acordo com o sexo: há pequenas variações na forma de falar dos homens quando comparados às mulheres. Geralmente, os homens costumam

usar palavras mais incisivas, enquanto as mulheres usam muito os diminutivos em sua fala (MARINHO & VAL, 2006). Outro tipo de variação marcante é quando a concordância de gênero em uma determinada frase é feita em função do falante, como é o caso da palavra *obrigado/obrigada*. No ato de agradecer, quando a frase é dita por um homem, deve ser pronunciada com a letra *o* no final, *obrigado*. Quando a mesma frase é dita por uma mulher, deve-se utilizar a letra *a* no final, *obrigada*.

Entretanto, segundo Marinho e Val (2006), essa variedade está perdendo sua significação com o passar dos anos pelo fato de que as mulheres e os homens estão exercendo, cada vez mais, papéis igualados na sociedade.

- Variedades de acordo com o grau de escolaridade: o grau de escolaridade influencia grandemente no modo de fala do indivíduo, pois ao passo que ele vai avançando em seus estudos, adquire traços da norma padrão em sua fala, enriquece seu vocabulário e aprende a distinguir as situações em que deve utilizar linguagem formal e informal (MARINHO & VAL, 2006).

Todavia, o modo de fala dos indivíduos que não tiveram a oportunidade de estudar não deve ser desvalorizado, pois é apenas uma consequência da desigualdade social existente no país, o que não torna essa variação inferior às outras no âmbito da sociolinguística.

A variação de registro é distinta da variação dialetal, de acordo com Marinho e Val (2006), ela ocorre quando um determinado falante faz diversos usos da língua. Esse uso varia de acordo com as situações em que o falante se depara. Por exemplo, se um determinado indivíduo se encontra em situações cotidianas como um encontro entre amigos, uma conversa com sua família ou quando se dirige às pessoas mais simples, ele utiliza linguagem informal, sem preocupar-se em seguir as regras da norma culta da língua. Entretanto, quando esse mesmo indivíduo se depara com uma situação formal, bem como uma entrevista de emprego, reunião de negócios, entre outras, ele utiliza a norma culta da língua portuguesa.

De acordo com Martelotta (2008, p.145):

O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. Dependendo da situação em que o falante se encontra, ele utiliza mecanismos linguísticos diferentes para se expressar. Assim, sua linguagem apresenta diferenças lexicais, gramaticais e fonéticas distintas devido ao contexto, ao ouvinte ou ao meio através do qual a informação é transmitida (fala ou escrita, carta, e-mail, artigo, etc.).



Nesse contexto, a variação de registro, nada mais é, do que a flexibilidade que o indivíduo possui quanto ao uso da língua, sabendo adequá-la a qualquer tipo de situação.

Assim, reforça-se que o presente estudo visa abordar a variação linguística por um viés social, considerando as variantes distantes da norma culta da língua como riqueza cultural e não como erro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação linguística no Brasil é uma realidade social, cultural e educacional, não somente entre diferentes regiões: norte-nordeste, sul-sudeste ou nordeste-sul, mas também uma prática corrente em uma mesma região. Dessa forma, é sumamente importante que essa variação seja ensinada aos alunos de forma eficiente nas aulas de língua portuguesa, o que levou o presente estudo a objetivar compreender de que forma é possível ensinar as variações linguísticas por meio das novas tecnologias; realizar uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de identificar os métodos e técnicas utilizados para o ensino dessas variações em sala de aula e compreender a importância de tais variações, observando-as do ponto de vista da linguagem como uma prática social.

As escolas, na tentativa de cumprir seu papel de ensinar, impõem a “língua culta” aos alunos, deixando de valorizar e respeitar a variedade linguística e a bagagem cultural dos mesmos, exercendo o que é de sua essência, o ensino da norma. Há uma grande rejeição quanto a variação linguística existente, o que gera o preconceito linguístico que acaba por estereotipar a língua. A escola se mantém presa à gramática.

Por meio de uma vasta pesquisa bibliográfica, foi possível observar a importância das novas tecnologias na sociedade atual, principalmente em se tratando do âmbito educacional, que encontra, nessas tecnologias, recursos que facilitam e enriquecem o processo de ensino e aprendizagem. São ferramentas que auxiliam o professor em suas exemplificações, podendo utilizar de recursos como vídeos, áudios, imagens, aplicativos, *blogs*, entre outros.

Olhando para a variação linguística por meio de lentes sociolinguistas, é possível ter uma compreensão da linguagem de forma dialógica, valorizando a prática social. Nesse sentido, ensinar essa variação se torna uma tarefa desafiadora para os professores de língua portuguesa, que precisam desatar-se das crenças estruturalistas. Com a ajuda das novas tecnologias, é possível que o processo de ensino e aprendizagem da variação linguística seja mais dinâmico e efetivo, visto que os recursos tecnológicos permitem que os alunos conheçam essa rica variação de forma mais concreta. Um exemplo desse processo seria assistir a um vídeo mostrando

os diferentes sotaques de cada estado do Brasil, enfatizando a cultura local, mostrando as riquezas dessa cultura aos alunos. Outro exemplo seria o uso de um aplicativo que mostra a forma com que as palavras são pronunciadas em cada local. Ainda é possível ministrar uma aula sobre as gírias por meio de recursos de áudio, músicas. Também é válido falar sobre a linguagem digital, muito utilizada atualmente, mostrando aos alunos exemplos retirados de suas próprias redes sociais, o que proporcionaria uma aula bem dinâmica.

São inúmeros os recursos que as novas tecnologias proporcionam para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, recursos estes que devem ser explorados pelo professor e pelos alunos. O papel do professor, nesse sentido, é apresentar tais recursos aos alunos, dando-lhes autonomia para que, juntos, possam construir o conhecimento em uma relação de mediação.

Por fim, compreendeu-se que é preciso valorizar as variações linguísticas existentes e que ensiná-las aos alunos por meio de recursos tecnológicos facilita sua compreensão, tornando o conteúdo algo mais concreto e palpável a eles para que possam, com a mediação do professor, construir um conhecimento culturalmente rico e social.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto Editora, 2000.

ALMEIDA, Fernando José de. **Computador, escola e vida: aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento**. São Paulo: Cubzac, 2007.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.  
\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós Chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. TAKAHASHI, Tadao(Org). Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura - Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**, 2000.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa – 5ª a 8ª séries. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto Ciclos: Apresentação dos Temas Transversais. Brasília; MEC/SEF, 1998.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: **Manual de lingüística**. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

CORDEIRO, L. Z.; GOMES, E. **Estudo sobre o uso e a apropriação das tecnologias da informação e comunicação na educação Latino-Americana: ensaio sobre um percurso de investigação**. Uberaba, v.5, n.1, p. 15-29, 2012.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Informatofobia e Informatolatri**: Equívocos na Educação. Disponível em; <<http://portal.sbpcnet.org.br/livro/48ra/B.6-273%20INFORMATOFOBIA.pdf>> Acesso em 2 set. 2020.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

DEMO. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1996.

\_\_\_\_\_. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 2005.

MARINHO, Janice Helena Chaves & VAL, Maria da Graça Costa. **Varição lingüística e ensino**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris Champion, 1921.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Novas Tecnologias na Educação**: reflexões sobre a prática. UFAL, Maceió, 2002.

MIRANDA, Raquel Gianolla. **Informática na educação**: representações do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/Ago 2004. Quadrimestral.

\_\_\_\_\_. **Novas tecnologias e o reencantamento do mundo**. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol.23, nº.126, set. / out. 1995.

PONTE, João Pedro da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? **Revista Ibero-Americana de Educación**. OEI. N.24, septiembre / diciembre, 2000.

PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Globalização & Organização**: mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação a distância e sociedade monetária. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHÖN DA. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000. SCHÖN DA. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Os professores e sua formação. Nóvoa A. (org.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992; 77-91.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. **Ciência, tecnologia e suas relações sociais**: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. *Ciência & Educação*, v. 15, n.3, p.681-694, 2009.

UNESCO. **Tecnologias para a transformação da educação**: experiências bem-sucedidas e expectativas. Brasília, 2010.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, Luís José. **Linguística?** Que é isso. São Paulo, Contexto, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.